



## O neoateísmo

### The Neo-atheism

Lindomar Rocha Mota\*

Com base na larga história do ateísmo teórico, que se difundiu de maneira mais acentuada a partir do século XIX, mas cujas origens emergem de um tempo muito mais remoto, o neo-ateísmo é uma posição de última hora, e está centrada mais sobre as questões práticas que teóricas das disputas. O elemento de fundo que confere alguma unidade a essa corrente é a idéia de que sem religião e crenças o mundo seria um lugar melhor. Um verdadeiro ganho para a humanidade, portanto.

Fundamentalmente falando, o enunciado da morte de Deus e a possibilidade do ateísmo explícito, instaurados depois de Ludwig Feuerbach e Friedrich Nietzsche continuam sendo o terreno gestante desse debate. Entretanto, as questões que se seguem agora ganham outros complicadores.

Há uma superação da desconfiança na ciência, como a que Nietzsche manteve, e depois permitiu a Heidegger elaborar o seu discurso contra o perigo da técnica e a perda de identidade humana, o verdadeiro ser em perigo frente ao avanço da falta de sentido da ciência. O neo-ateísmo, por outro lado, pretende apoiar suas teorias sobre os enunciados da ciência, fazendo uso deles sem a menor cerimônia ou constatações mais detalhadas.

As teorias adormecidas, sobretudo aquelas advindas da biologia, mas também da cosmologia e, por vezes, da metafísica, são usadas diretamente contra os argumentos da religião. Há de se notar que os neo-ateus não agradam aos religiosos nem aos cientistas. Em ambos os opositores assevera-se a falta de seriedade nas conclusões e um discurso demasiadamente ideologizado.

De qualquer modo, pode-se falar de uma atitude neo-ateísta que se desenrola em torno de temas bastante acentuados, como nos expostos por Richard Dawkins, o mais

---

\* Doutor em Filosofia Moderna pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Itália. País de origem: Brasil.  
E-mail: lrocha@pucminas.br

divulgado entre eles. Os textos *O relojoeiro cego* e *A ilusão de Deus* apontam principalmente nas direções mais fortes do discurso religioso: a biologia e a ética.

Outros temas também dominam na reelaboração do discurso do neo-atéismo contemporâneo. A política tem uma parcela importante de preocupação. Como, por exemplo, no *Deus não é grande* de Christopher Hitchens, mira-se diretamente o enunciado fundamental do islamismo e sua primeira invocação dos títulos de Deus.

Há uma disputa fundamental em chave moderna. O importante dessa nova linha de raciocínio não é a elaboração de argumentos sofisticados contra o pensamento *teísta*, mas sim algo de militante que se vale dos modernos meios de comunicação, a exemplo da Dawkins, que se dá ao trabalho de elencar inúmeros sites – expostos no final de sua obra principal – que possam auxiliar os partidários de sua “doutrina”.

É possível, pois, em maior ou menor quantidade, juntar a esses dois neo-atéistas nomes como: Sam Harris: *O fim da fé*; Daniel Dennett: *Romper o encantamento*; Michel Onfray: *Tratado di ateologia*; Piergiorgio Odifreddi: *Porque não podemos ser cristãos (e ainda menos católicos)* e *A vida atéia*.

Há muitas respostas a eles, mas a maioria desencontrada, considerando a própria fragmentação dos argumentos. A literatura neo-atéista visa aos indivíduos partidários da fé comum, onde ocorre uma reciclagem de argumentos clássicos contrários à religião, dispersos em quase todos os autores dessa corrente.

Entre eles podemos destacar a *indiferença de Deus para com o mundo, a presença incessante do sofrimento* e a constatação de que a *imagem violenta do Deus* do antigo testamento não faz bem à educação das crianças; e a mais recorrente de todas: a idéia de que o mundo sem religião seria um lugar melhor.

Considerando todas essas questões, o processo neo-ateu pode sobreviver, inclusive dentro de círculos estreitos da própria pesquisa religiosa e até mesmo na formulação de certas teologias, influenciadas, por exemplo, pelo pensamento débil que aceita e propõe uma correção para evitar que as religiões caiam nas acusações que lhe são impostas.

Os neo-atéistas não são muito dados ao debate. Preferem afirmações catedráticas; ou, quando muito, discutidas entre partidários dos sentimentos que norteiam suas especulações. Não se verifica ainda, em oposição ao atéismo clássico, o debate com

grandes estudiosos do tema. Prefere-se, em seu lugar, um agrupamento de posições que garantam as afirmações centrais da “doutrina”. O campo privilegiado é a *experiência*, particularmente os lugares onde a religião, de algum modo, produziu ou fomentou certos tipos de disputa e de violência.

Sendo assim, o neo-atéismo combate a religião em duas frentes. Em retrospectiva aponta para os erros comuns de atribuição da origem e governo do mundo a um ser superior; e, em perspectiva para os males históricos e atuais causados pela fé, alterando o processo natural da evolução política.